

Como é estranho nunca termos falado da verdade

José Manuel Heleno

Amigo João:

Confesso que me parece estranho nunca termos falado sobre a verdade. Na certeza de que estamos já e sempre na verdade e que ela é uma dimensão intersubjectiva irredutível, estranho que a verdade em si mesma nunca tenha sido tema das nossas conversas. Não tanto esta ou aquela noção de verdade, mas a verdade que se pressupõe estar por detrás de qualquer uma delas. Há quem diga que a filosofia abandonou este território e se entregou de alma e coração ao sentido. Mas estou em crer que a verdade é qualquer coisa que habita todos os territórios e que, de forma algo presunçosa, se esforça ainda por lhes traçar as fronteiras colocando-se do lado de fora dos seus limites.

Tu sabes como é vertiginoso esse triângulo cujos vértices são a linguagem, o pensamento e a realidade. Mas o que me preocupa é o lugar que a verdade ocupa nele; perturba-me o modo como se entranha em cada vértice e se derrama por todas as arestas. É provável que tudo isto acabe por se relacionar com o facto da tua veia aristotélica pulsar cada vez que ouvias falar em Nietzsche, acusando-o de não ser suficientemente firme nos conceitos, ou então, o que era bem pior, de ser ridículo pensar que pode existir verdade sem que os conceitos se apurem. Ora, apurar os conceitos é esforçarmo-nos por saber como é que a verdade se entranha no pensamento, na linguagem e na realidade.

Há, portanto, um apelo à firmeza dos conceitos – à sua verdade, direi eu. Essa firmeza que tu, apesar de tudo, sabes delicada e precária, embora essencial para a existência do pensamento e para que a filosofia se torne uma ciência de rigor. Ao lembrar-me das nossas conversas e ao reler os teus textos, encontro na noção de antepredicativo um terreno firme para o esclarecimento da noção de verdade. Sei que citaste obsessivamente o *Da Interpretação* do Aristóteles, nomeadamente o trecho que diz respeito à questão dos enunciados – apofânticos e hermenêuticos – e te preocupaste com o juízo e com a relação entre sujeito e predicado. Fizeste disso o teu cavalo de batalha, teimando em alertar os filósofos e os aprendizes de filosofia que havia aí um filão que era importante explorar.

Foi então na noção de antepredicativo e de experiência que cerraste fileiras. Chamaste a ti Husserl e Heidegger, Gadamer e Jauss, preparado para falar da crise das ciências europeias, da distinção ontológica, da tradição ou da recepção estética, tudo isto girando em torno da noção de experiência. É certo que tinhas, cada vez mais, um olhar distanciado, recorrendo uma e outra vez a Aristóteles para pensar o que ainda não estava suficientemente pensado. Era essa, no fundo, a tua forma de seres livre.

Ponhamos as coisas assim: a essência da verdade é uma questão voltada para o real. Não se trata de saber o que é verdadeiro neste ou naquele domínio, mas sim o que é a verdade na sua essência. Tu sabes que era deste modo que Heidegger iniciava *Vom Wesen der Wahrheit*. Mas deixa-me dizer-te que aquilo que quero ler em Heidegger quero também ler em ti. Quero dizer-te que se a essência da verdade é a liberdade; se é a abertura primordial do homem ao ente, também a verdade da tua vida está inteira na liberdade, nesse modo de ser que te dispunha a abrir-te aos outros, a escutá-los e a viveres os teus dias *praticando* a verdade, quer dizer, em plena liberdade. O que tu puseste em prática foi a vivência intersubjectiva da verdade, algo que indicava a dimensão superlativa da comunicação que acabava por desaguar na hermenêutica, nessa necessidade de viver a interpretação porque a própria interpretação é uma forma de vida. Deixaste que a liberdade tomasse conta de ti e te possuísse.

Podias, assim, fazer de cada dia o último; porque se faz de cada dia o último se assumirmos a liberdade de ser. E se a liberdade é o deixar ser os entes; se é esse estado de aberto que cria a verdade, tornamo-nos verdadeiros quando somos livres. E era espantoso o modo como oferecias a tua imensa liberdade ao mundo, o que nos permite compreender porque viveste *dentro* da verdade. Direi ainda que transitaste da ideia de verdade enquanto conformidade entre o enunciado e a coisa para uma noção que nos ajuda a entender tal conformidade, justamente o que está por detrás dela e faz aparecer a coisa e aquilo que se diz dela. É por isso que a verdade não pode residir originariamente na proposição.

Sei, no entanto, que te perdias vezes sem conta; que vagueavas e te tornavas errante. Parecias então não seres verdadeiro, ou seja, passavas ao lado das coisas e não te enranhavas nelas, acometido por uma cegueira que te subjugava. Contudo, devo lembrar que era ainda Heidegger que falava na não verdade como errância – como um passar ao lado do mistério. Ora, tu ocultavas as coisas e ocultavas-te a ti mesmo nesse gesto. Sabe-se, aliás, como esse gesto de ocultamento não é estranho à essência da verdade, quer dizer, se esta é desvelamento é porque habita no seu íntimo a possibilidade de ocultar, algo que permite fecharmo-nos aos entes e mergulharmos no bom senso comum. É por isso que o teu lado errático não era contrário à liberdade de ser verdadeiro, era antes a possibilidade mesma de te tornares livre e poderes, enfim, desvelar e conhecer-te quando encontravas o ente em liberdade.

É por isso que a urgência em conhecer a verdade não tem apenas um carácter metafísico ou ontológico, tem também um carácter político, pois relaciona-se com a intersubjectividade e com a nossa forma de agir. Há, por conseguinte, uma pluralidade de saberes sobre a verdade, e cada um deles tenta apanhá-la nas suas malhas. Com efeito, se queremos conhecer a essência da verdade teremos que mergulhar no pensar e no agir, enfim, na própria experiência. Teremos que mergulhar na história de que somos feitos e, por maioria de razões, no facto de sermos já e sempre com os outros. É convicção minha que tu vivias efectivamente esta dimensão da verdade – e que era ela, aliás, que te permitia abraçar a hermenêutica e acentuar não apenas o espaço da amizade como também dar atenção à política, ou seja, atender ao modo como os homens se definem na sua relação com os outros. Tu sabias que era urgente fazer um uso público da verdade.

Como dizia Hannah Arendt – alguém que nunca referimos nas nossas conversas –, é premente chamar a atenção para as verdades de facto. E é a autora de *Truth and Politics* que quero agora mencionar para que o próprio Heidegger – tão próximo e tão distante dela! – possa ser lido de outra forma. É assim que somos conduzidos para um terreno que Heidegger nunca quis pisar enquanto filósofo, ou

seja, o terreno das relações entre verdade e política, ou antes, das más relações entre ambos. E não deixa de ser extraordinário como, ao longo da história da filosofia, se teima em opor a verdade à opinião – isso que era o desejo de Parménides e que alastrou por vários séculos. Também Platão, na sua alegoria da caverna, reforçava essa oposição entre verdade e opinião – e até o próprio Heidegger não se esquivava a esta atitude que tem o seu quê de metafísico. No entanto, o que Hanna Arendt defendia era a necessidade de repensar a oposição entre verdade e opinião e o facto de o filósofo, ao querer descobrir princípios que fundamentavam a política, acabar por lastimar a opinião e a ignorância dos cidadãos. Mas não há, efectivamente, exercício de cidadania que não se apoie na opinião, e é neste sentido que ela pode ser reabilitada.

Se a verdade se opõe à mentira e ao erro, mais do que à ignorância ou à opinião, isso significa que as verdades de facto devem ser encaradas com seriedade, pois há sempre um perigo que nos espreita quando afastamos a verdade da política. Se teirmos em dizer que não há verdades de facto, é a história e a política que se ressentem; é ainda a própria verdade que se gasta e se atrofia ao insistirmos em dizer que não há factos sem interpretação. Não há verdade que se aguentar com tais excessos.

Quando Heidegger «esqueceu» o político em *Sobre a Essência da Verdade*, esqueceu o facto de a verdade ter um domínio público. Como escreve Arendt – nesse texto que poderia servir de paradigma como resposta ao autor de *Sein und Zeit* –, «nenhuma permanência, nenhuma persistência no ser podem sequer ser imaginadas sem homens querendo testemunhar aquilo que é e lhes parece ser porque é». Isto, parece-me, abre uma frecha na ideia que a verdade tem de ser «desinteressada»; e que a ciência e a filosofia são exemplos dessa pureza desinteressada. O que devemos interrogar é, porém, o significado de «desinteresse» da verdade na actividade política. É que a política não poderá existir sem verdades de facto, embora se esforce vezes sem conta por escamotear e iludir esta asserção. Escreve ainda Arendt que «a liberdade de opinião é uma farsa se a informação sobre os factos não estiver garantida e se não forem os próprios factos o objecto do debate». A verdade tem que ter poder no domínio público. Se os factos são a matéria da opinião, esta tem o poder de os falsear ou de os omitir. E se eu falo aqui na política e na sua verdade é porque não me esqueço da forma como viveste e sentiste a dimensão intersubjectiva do ser verdadeiro.

No entanto, se as verdades politicamente mais importantes são as verdades de facto, como é que Heidegger, por exemplo, responderia a esta afirmação? E quando o prisioneiro de Platão se liberta da caverna, que tipo de verdade é essa que ele defende? Não uma verdade de facto, mas uma verdade que é uma «visão do mundo», talvez mais perigosa do que as simples verdades de facto. Platão imagina os prisioneiros da caverna presos às sombras, aos sentidos, numa palavra, ao senso comum. E foi assim que essa aventura que opôs verdade e opinião se sedimentou, opondo um mundo inteligível a um mundo sensível. Se lermos o texto de Heidegger sobre a essência da verdade à luz de Platão, veremos que não é descabido descobrir as pegadas do «platonismo».

É por tudo isto que me interrogo sobre o que é que levará alguns de nós a perseguir a verdade. Onde nos vem a paixão por ela? Quer dizer, o gosto pela ontologia, pela ética, pela política – e é inegável que a verdade mora em cada uma destas regiões. O que eu sei, amigo João, é a que a nossa conversa ficou inacabada. Sei que a tua noção de experiência estava presente em cada uma destas regiões, nesse mapa que completavas e aperfeiçoavas enquanto te exercitavas em ser livre. Mas o que me cativa neste mapa é que ele pode ser aberto e lido por qualquer um –

e é por isso, justamente, que é um mapa. Nómada, procuraste orientar-te enquanto deambulavas; procuraste descobrir clareiras num bosque quase impenetrável. E é nessa vagabundagem que, afinal, descobres a tua liberdade, algo ainda mais antigo do que qualquer verdade. Mas não só. Acabas também por nos confiar que a verdade também é política, e que é preciso redobrar a vigilância para que a mentira não destrua de vez a relação entre os homens. E é por tudo isto, digo, que só aparentemente é estranho nunca termos falado da verdade, pois a tua vida e aquilo que dela fizeste foi uma forma de lhe dar sentido e de nos ajudares a pensá-la de outra forma. Podemos falar de milhares de coisas, mas nada é tão importante como aquilo que se faz e se oferece como testemunho.

Não sei exactamente o que é que se pede a uma vida. Que ela seja ou não virtuosa; que seja ou não justa, penso que se apresenta sempre como um testemunho. É neste sentido que ela acaba por ter sempre a «sua» verdade. E é também por isso que a contingência não lhe retira o valor, antes a engrandece. Entre a liberdade e a errância, e a fronteira turva que separa uma da outra, traçaste o teu caminho. E é aí que a vida, sempre irresolúvel e fugidia, mostra o seu rosto, pois até no que se cala habita a verdade.

Terminarei dizendo que é muito difícil falarmos daquilo que os outros pensam. Quando os conhecemos de perto é aquilo que eles *são* que nos impressiona, quer dizer, a forma como se dão e se tornam corpo – plena visibilidade que a palavra e os gestos nos oferecem. A verdade passa por aqui como uma espécie de música que, sem imagens nem conceitos, assume marcas indeléveis. Mais do que dar o nome de verdade a esta forma do outro *aparecer*, talvez seja preferível aceitá-la como uma dádiva de alguém que teve a coragem de existir em liberdade.